

## O CAPITALISMO COMO RELIGIÃO: INTERSECÇÕES E REFLEXÕES DA RELIGIÃO DE MERCADO A PARTIR DO PENSAMENTO DE AGAMBEN E BENJAMIN

*Otávio Barduzzi Rodrigues da Costa<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Este artigo quer tecer considerações sobre o capitalismo como religião. Através da análise bibliográfica de vários autores, mas em especial de Giorgio Agamben e Walter Benjamin vai analisar como se dá a dinâmica do entendimento do capitalismo enquanto religião. Evidenciada a estreita conexão que existe entre a concepção do homem como animal industrioso e a exploração e concentração de renda como fim último, a máquina como o meio mais eficaz e o estado totalitário como promotor mais potente, não se torna difícil abrir uma inquisição cruel propriamente contra a concepção moderna do homem, o bem-estar, as máquinas e os estados capitalistas.

**Palavras chaves:** Capitalismo. Religião. Modernidade. Agamben. Benjamin.

### CAPITALISM AS RELIGION - INTERSECTIONS AND REFLECTIONS OF MARKET RELIGION FROM THE THOUGHT OF AGAMBEN AND BENJAMIN

**ABSTRACT:** This article wants to make considerations about capitalism as a religion. Through the bibliographical analysis of several authors, but especially of Giorgio Agamben and Walter Benjamin will analyze how the dynamics of the understanding of capitalism as a religion occurs. Given the close connection between the conception of man as an industrious animal and the exploitation and concentration of income as the ultimate goal, the machine as the most effective means and the totalitarian state as the most powerful promoter, it is not difficult to open a cruel inquisition properly Against the modern conception of man, the welfare, the machines and the capitalist states.

**Key words:** Capitalism. Religion. Modernity. Agamben. Benjamin.

---

<sup>1</sup>Cientista social formado pela UNESP com ênfase em antropologia, Advogado (OAB-SP 314.526) formado pela ITE, mestre em filosofia pela UNESP, doutorado em ciências da Religião pela Universidade Metodista. Doutorando em ciências sociais pela UNESP-FCLAr. Professor de sociologia, antropologia e filosofia nas Faculdades Gran Tiête e USC. Universidade Estadual Paulista. Bauru. São Paulo. Brasil. E-mail: [joebarduzzi@yahoo.com.br](mailto:joebarduzzi@yahoo.com.br)

## INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos foi publicada uma celebre entrevista que teve certo impacto, sobretudo nos círculos acadêmicos. Essa entrevista foi concedida a revista italiana Ragusa News, em 16-08-2012. Giorgio Agamben, o entrevistado, um dos maiores pensadores contemporâneos afirma que Deus não morreu: ele se tornou dinheiro. A profundidade dessa declaração será analisada neste artigo em alguns de seus aspectos. Agamben, nascido em Roma em 1942, é jusfilósofo e suas obras incluem um grande espectro desde a estética, crítica literária, a modernidade e a política em uma crítica severa e impactante da metafísica ocidental. O pensamento conduzido por Agamben leva à reflexão sobre a estrutura contemporânea e sua crítica tem bases nas ideias de Nietzsche, da bíblia cristã e Walter Benjamin.

Este trabalho pretende traçar considerações sobre a impactante ideia do capitalismo pensado enquanto religião bem como algumas de suas consequências sociais. É uma importante intersecção do pensamento de Agamben e de Walter Benjamin destacando sobre o valor religioso que ambos dão ao capitalismo.

A declaração de Agamben é influenciada pelo contundente texto de Walter Benjamin intitulado “O capitalismo como religião”. Como analisa Benjamin, o capitalismo é uma religião na qual o culto se emancipou de um objeto de adoração e passou a ser o seu próprio ato: O de consumir. É uma religião, que ao contrário das outras não há culpa, tabus, nem pecados. Também é uma religião em que não há redenção, há só felicidade, (entendida como riqueza) prometida (mas raramente alcançada). Então, do ponto de vista da fé, o capitalismo não tem nenhum objeto: acredita no puro crédito no dinheiro a ser alcançado por um lucro que virá, nesse porvir, no lucro é encarado pelo burguês como a promessa de paraíso.

Assim tanto Agamben como Benjamin acreditam que o capitalismo tomou status divino, que direciona a vida dos homens na época atual. Benjamin como crítico da modernidade e Agamben da contemporaneidade. Não cabe a este trabalho a conjectura da linguagem usada para a condição contemporânea os autores variam e cada um tem um nome: Pós-Modernidade (J.-F. Lyotard) Hipermodernidade, Era do Vazio (G. Lipovetsky) Neomodernidade (S. P. Rouanet) Modernidade Líquida (Z.

Bauman) Modernidade Tardia (A. Giddens) Modernidade Reflexiva (U. Beck)<sup>2</sup>. O que se sabe é que não é uma fase de certezas como em outras eras. Assim diz Usher e Edwards:

Talvez tudo o que possamos dizer com algum grau de segurança é o que o pós-moderno não é. Certamente não é um termo que designa uma teoria sistemática ou uma filosofia compreensiva. Nem se refere a um sistema de ideias ou conceitos no sentido convencional; nem é uma palavra que denota um movimento social ou cultural unificado. Tudo o que podemos dizer é que ele é complexo e multiforme, que resiste a uma explanação redutiva e simplista (USHER; EDWARDS, 1994, p.7).

Esta religião é baseada em certa linguagem de referência mitológica. Lembrando que o mito não é exatamente uma mentira, mas segundo Campbell mito são estruturas que organizam a vida de uma cultura, ou seja, “é uma organização de imagens e narrativas simbólicas, metafóricas das possibilidades de experiência humana e da realização de determinada cultura em certo momento” (CAMPBELL, 2001, p. 14).

Na religião do capitalismo é criado um mito do poder, um dos vários mitos pela qual a sociedade humana se configura, assim como o mito do sucesso, do crescimento patológico, da mão invisível, do capital justo etc.... A mesma modernidade que despreza os mitos antigos gregos, se fundamenta e se relaciona nesses novos mitos. Tais mitos protegidos pela lei, como num renascimento das mais retrógradas leis atenienses que condenaram Sócrates, e pelo suposto estado democrático de direito. São os mitos modernos. Mitos que direcionam a visão da sociedade, o do crescimento ilimitado patológico (que causa problemas mentais e ecológicos), o da democracia racial (ledo engano), o da igualdade de oportunidades e de direitos (igualdade? Onde?), o da liberdade (apenas para consumir) o do livre-mercado (como se fora possível ele estar livres de forças que o dominam) etc.. apesar da sociedade viver todos esses mitos, despreza os mitos fundantes de uma melhor visão de mundo.

---

<sup>2</sup> Não são citações apenas críticos da modernidade.

## ONDE ESTAMOS?

Essa é era de incertezas e diáfana onde Baudelaire afirmava que é a época do “O Efêmero e do Fugaz” (1947, p. 35). Nada nesta era dura nem há certezas. A própria análise fica difícil pois se vive nela. Fica muito mais fácil analisar a antiguidade porque vive-se fora dela, o mesmo para a idade média, mas é muito difícil analisar o momento histórico no qual se vive. Kant (1996) afirma, ao criticar o historicismo racional, que não podemos conhecer inteiramente a época em que vivemos. Mas como analisar algo em cujo momento-espço se está inserido? É mais difícil ver os movimentos quando se está jogando xadrez do que o observador externo.

Longe de ser uma figura de linguagem barata, a comparação anterior ao jogo de xadrez remete a uma velha discussão da ciência, o distanciamento científico. Para Bourdieu (1974), a ciência e o conhecimento moderno foram baseados em duas formas de conceber a realidade das coisas originadas no mesmo contexto histórico, a França do século XVIII, cujas essas bases são o Racionalismo e o Positivismo. Tais bases implicam em várias consequências epistemológicas, sendo uma delas o distanciamento científico. Esta metodologia de descrição e análise da experiência implica um ideal positivista da neutralidade e do distanciamento “científico” do observador relativamente ao objeto para investigar a verdade “pura”.

Mas tal paradigma é uma suposição falha, há uma suposta neutralidade do discurso científico e sobre a suposta necessidade de distanciamento do pesquisador em relação ao seu objeto de pesquisa. Todo discurso (as pesquisas, descobertas científicas se traduzem em discursos também) é produzido por uma pessoa, que é o sujeito desse discurso, e traz as marcas desse sujeito, que vive num determinado tempo e espaço.

Os ideais humanos são frutos das ideias e valores vigentes na época e no espaço em que vivemos. O trabalho científico-tecnológico é trabalho humano, e traz as marcas de seus valores e opiniões (MORIN, 1999). Não há neutralidade, toda humanidade está imersa na sua história. E não é possível um “distanciamento” entre o pesquisador e o objeto da pesquisa: na verdade, sempre se está envolvido com nossas investigações. A ideia de distanciamento científico, na verdade, vem da época do Iluminismo; é, portanto, uma criação humana como qualquer outra.

O próprio projeto e conhecimento racionalista era uma opinião de pessoas (cientistas), que simplesmente acharam que assim estaria atrás de uma verdade pura. O projeto de conhecimento do positivismo era propor a ciência como único aspecto de dizer o que é ou não verdade (MORIN, 1999). Isso é chamado de dimensão ética da ciência construída e europeizada.

A mentalidade puramente racional faz com que nos distanciemos do próximo, do meio ambiente e dos sentimentos. A modernidade trouxe uma nova consciência do sentido histórico, uma nova representação da temporalidade histórica e, com ela, o mundo se fragmentou em valores distintos. O espírito capitalista é moderno, desencantado, secularizado, racional. A modernidade é o desenvolvimento do processo de progresso, da razão, da utopia prometida e não conseguida; a ideia de história está dominada pelos conceitos de razão, consciência, sujeito, verdade e universal.

A criação do Estado moderno estava subjugada a esse ideal, pensava-se que os homens racionalmente iriam se entregar a um estado racional e ordeiro e que todos os conflitos do homem estariam acabados. Iria ser uma era de ouro para a humanidade. Prometia-se a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Ledo engano, o projeto moderno em sua estrutura política falha fragorosamente.

A fé, segundo Giddens (2002), passa a ser dada ao perito (não mais a divindade) e, portanto, não é mais a religião que responde aos anseios humanos. A ciência responde, ou melhor, pretende responder (mas não consegue) os anseios do indivíduo. Essa situação de que nem ciência nem divindade consegue resolver os problemas gera uma crise, pois o projeto moderno falha em sua promessa de dar ao indivíduo e ao povo a prometida, liberdade, igualdade e fraternidade. Não se tem liberdade a não ser para consumir o que a comunicação de massa lhe impõe; não há igualdade e sim concentração de renda; e fraternidade é um valor perdido junto com as tradições religiosas, nem se fala nela mais. O individualismo é o que pauta as relações.

O projeto do Estado racional falha. Há inúmeras explicações do porque o projeto moderno falha. A posição de Bruno Latour sobre esse fracasso é deveras interessante. Para criticar a análise de mundo até então feita, Latour critica os paradigmas pelos quais houve a compreensão da situação do mundo. Para Latour, o mundo deve ser tratado como um conjunto de “redes” que atravessam esses três

paradigmas - “objetivista”, “sociologizante” e “semiótico” - pois, não sendo apenas de natureza objetiva, social ou discursiva, são ao mesmo tempo reais, coletivas e discursivas (LATOUR, 1994, p. 12).

O que Latour quer dizer é que os problemas da humanidade não podem ser simplesmente compreendidos por um paradigma ou pensamento racional. É na realidade cotidiana que devemos ver as explicações das falhas da modernidade e, sobretudo do Estado moderno que pretendia estar sob construção da racionalidade científica. A modernidade e sua única fonte de verdade: a ciência, está limitada a vários fatores, porém foi extremamente influente no projeto moderno. Porém “A ciência visa o controle dos objetos e das coisas e não busca o puro conhecimento, pois sua finalidade está embotada pelo poder assim ela tira algumas coisas do campo de visão” (idem. p. 62). A ciência diz o que é ou não é verdade, o que ou não legítimo discutir. Westhelle (1992, p. 266) pergunta: "porque não discutir alquimia, astrologia, a benzedura ou mesmo a existência de Deus?".

Westhelle (1992, p.267) citando Latour faz a pergunta desse:

Que sociedade é esta onde uma formula matemática (que supostamente explica o universo, uau !!!!!) tem mais credibilidade do que qualquer outra coisa: o senso comum, outros sentidos além da visão, uma autoridade política ou mesmo as escrituras? (parênteses nossos)

Essa formula matemática-física-química teria poder de supostamente explicar o universo, mas não têm. Falhou em várias explicações, em dar sentido a vida em explicar as sensações e memórias íntima que um cheiro pode trazer, em explicar o amor. Por fim falhou em seu próprio projeto no visto que a ciência enfrenta agora uma crise em si mesma.

A Doutora em filosofia Luciene Félix (2008) proclama um apóstrofo comum na ciência, a qual Deus é contestado: Vem Galileu diz que a terra (e o homem) não é o centro do universo, vem Marx e diz que religião é um ópio do povo, vem Nietzsche e diz que Deus morreu, vem Darwin e diz que descendemos dos animais, vem Freud e diz que não somos anjos travestidos, assim o divino, em nós é lentamente substituído pela ciência. Citando-a (s.p.):

O evolucionista Charles Darwin (1809-1882), em sua famosa obra ‘A origem das espécies’, discorre sobre a teoria da evolução dos seres vivos mediante

a seleção natural. Darwin prova por a + b que descendemos dos primatas. Convém salientar que esse eminente britânico, embora afirmasse que religião nada mais é que 'estratégia tribal de sobrevivência', acreditava que Deus era o legislador supremo. O filólogo e filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) bebendo nas fontes gregas em 'O nascimento da tragédia', no culto ao orgiástico e desmedido Dionisíaco, em contraponto à ordem e harmonia Apolínea, identificou tensões de forças ocultas expressas na tragédia grega, especialmente nas dos pioneiros, Sófocles e Ésquilo. Considera Homero, insuperável. Também estudou o antiqüíssimo Zoroastrismo, religião que professa que seu 'deus' Ahura-mazda abarca o bem e o mal em si mesmo. Ou seja, que não há um Deus e um Satanás como fonte de bem e de mal, o homem é que é bom ou mal. Já o médico austríaco Sigmund Freud (1856-1939), considerado o 'Pai' da psicanálise, disciplina que intenta mapear 'geneticamente' a psique humana, revelou-nos o inconsciente e suas motivações; Também recorreu aos mitos e tragediógrafos gregos e, eis outro misterioso enlace matrimonial: as pulsões de Eros e Tânatos (pulsões de libido e de morte), ação e repouso, vida e destruição, sempre em conjunto. Freud afirma que o sentimento religioso de um vínculo indissolúvel, de algo ilimitado, sem fronteiras, essa sensação de eternidade, algo oceânico, por assim dizer, não passa de uma ilusão. Para ele, todo nosso histórico biológico, encontra-se preservado em nossa vida mental, psíquica. Tal sentimento pode ser identificado acompanhando o feto no interior do útero, onde se encontra no verdadeiro paraíso, com todas as necessidades satisfeitas, em prazer imperturbável e absoluto. Dessa 'memória' biológica (registrada em nosso inconsciente) deriva nossa sensação de plenitude, para onde sempre desejaremos regressar: (*omissis*) E acrescenta: 'É desnecessário dizer que todo aquele que partilha um delírio jamais o reconhece como tal' isso vai causar; O Mal-Estar na Civilização (FÉLIX, 2008).

Ocorre que as falhas, o caos, a quebra, tudo aquilo que não pode ser previsto pela pretensa ciência é rejeitado pelo projeto moderno. O mundo na modernidade só pode ser válido pelo aquilo que poderia ser dado em um gráfico matemático, através do que Morin (1990) chama de paradigma Newtoniano-Baconiano-Cartesiano ou grande paradigma do ocidente. Surgiu uma forma hegemônica de conhecimento é o que é válido, e conhecimento se torna poder econômico, economia se torna números e gráficos. Assim, nesse mundo moderno coisas abstratas são consideradas menos importantes como Deus, Amor, arte etc... Além disso, algo que o mundo moderno proporcionou são as múltiplas "leituras da vida" através de fórmulas matemáticas e físicas. "As coisas se tornam uniformes, com figuras diagramas, lista e textos, e o cientista é aquele que é visto como a pessoa que mantém a humanidade como algo além dela mesma" (RORTY, 1998, p. 10), ou seja, exerce um sacerdócio também, assim as verdades que a humanidade busca foram impostas pela ciência sem conseguir resolver os problemas humanos.

A modernidade a tudo racionaliza. A tudo matematiza, a tudo contabiliza, a tudo registra de tal maneira, o homem fica reduzido a um negócio de contabilidade, que interessa particularmente aos registros das taxas e dos seguros (*Steuerung und Sicherung*), para utilizar uma expressão de Heidegger (2007, p.113). A razão dita racionalizada que serve para equilibrar o mercado, nunca produziu tanta loucura. Quem não se encaixa no sistema e tem uma crise é considerado louco. Esse suposto diagnóstico só serve aos interesses do sistema de poder político e econômico estabelecido (FOUCAULT, 1990).

## **O LUGAR DO SER HUMANO**

O homem, assim reduzido a um número de contabilidade tem suas relações capitalizadas. A natureza complexa da pós-modernidade faz com que estejamos em contato com múltiplas realidades, pois cada ser humano constrói sua realidade por meio de múltiplos referenciais de vida.

Segundo Hall, a identidade plenamente segura e unificada é uma fantasia. O que há são identidades pluralmente formadas a partir de contextos diversos e temporários. Segundo Hall (2006) existe no mundo uma "crise de identidade" que é um amplo processo de mudança, que "está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social". Ou seja, não há mais referências estáveis de identidade ou de memória.

A identidade de pertença a qualquer comunidade se torna algo nebuloso de se identificar, isso porque o ser humano se transmutou do ponto de vista das suas relações sociais em algo diáfano, nebuloso, líquidas como diria Bauman. Ninguém é só mais um lavrador, ou um nobre, ou tem as posições sociais bem definidas como na idade média, a divisão social do trabalho nos impõe ao mesmo tempo uma escravidão, um sem número de relações heterônomas, por exemplo, hoje o lavrador tem que conseguir crédito em um banco para comprar um trator e vender seus produtos na bolsa de valores, tem de ser pai, mandar seus filhos a escola, vender seus produtos na cidade, para isso tem de dirigir, tirar habilitação etc...em um sem números de redes sócio-legais complexas as relações sociais se tornaram complexas (MORIN, 1990).



A contemporaneidade, caracterizada pelo mercado financeiro fetichista da mercadoria (MARCUSE, 1967), informações e globalização capitalista, torna acessível uma diversidade cultural líquida à disposição dos sujeitos, o que rompe com antigos referenciais de vida e cria incertezas a respeito do significado das coisas. São tais incertezas que obrigam os sujeitos a serem, por meio de processos de identificação, mais e mais ativamente criadores de significado. As discussões em torno da religiosidade que apresenta uma estética diferente do mundo como as se entendia as relações tradicionais, é um exemplo de que se vive numa época marcada por uma profunda crise da representação e, referenciais identitários cada vez mais complexos.

O desejo é o que prevalece numa sociedade em que a imagem predomina sobre o pessoal. Desejo e fastio contemporâneo. Ao mesmo tempo em que nunca como antes se preocupa com o sexo, o sexo também perde seu caráter sagrado. Parte disso é porque o sexo está em cada anúncio de bem de compra. Assim nesta sociedade as pessoas não mais se preocupam com o sexo.

A natureza e a técnica, o primitivismo e o conforto se unificam completamente, e aos olhos das pessoas, fatigadas com as complicações infinitas da vida diária e que vêem o objetivo da vida apenas como o mais remoto ponto de fuga numa interminável perspectiva de meios, surge uma existência que se basta a si mesma, em cada episódio, do modo mais simples e mais cômodo, e na qual um automóvel não pesa mais que um chapéu de palha, e uma fruta na árvore se arredonda como a gôndola de um balão (BENJAMIN, 1996, p. 112).

Assim algo sagrado na humanidade, ou que era sagrado passa ser uma característica do *homo sacer* agambeniano (AGAMBEN, 2002). No original *homo sacer* em Roma era aquele homem sagrado. O sexo que era privado, declinado pelo fim do homem público numa sociedade imagética e tornado público perde a sua capacidade de vida privada e se torna parte da “vida nua” que encontra na síntese do *homo sacer*: aquele que embora condenado pelo tribuno romano por algum crime, não poderia ser tocado, digo punido, em razão de ser sagrado, ou de ser um representante dos deuses. Porém se uma pessoa o encontrasse poderia matá-lo sem ser punido. Ou seja, era uma pessoa que não podia ser morta oficialmente mas que era facilmente morta. Assim também é o sexo. Uma constituição sagrada ao homem que acaba por ser facilmente morta dentro dele. Ou melhor usada,

objetificada, desprovida de sacralidade e vida ao mesmo tempo que é sagrada e cheia de vida.

Há um vácuo na objetividade do mundo, na inversão dos objetos e do papel do humano, agora são os objetos que fazem as coisas. E o dinheiro é quem faz, tira do homem a sua responsabilidade do uso das máquinas e do dinheiro. Esta inversão teórica desculpa o ser humano. O ser humano não é o ser que constrói o mundo em Deus. No capital, o ser humano é um objeto a ser usado, e quem constrói o mundo agora passa a ser o dinheiro em uma inversão da objetividade do agir do homem.

Uma sociedade é produzida pelas interações entre indivíduos e essas interações produzem um todo organizador que retroage sobre os indivíduos para co-produzi-los enquanto indivíduos humanos. Ocorre que a causa de tudo não são mais as relações múltiplas mas sim o dinheiro causa tudo (e não mais Deus) e é motivado pela ganância. A ganância é que dita o como o mundo vai se desenvolver.

## O SAGRADO

Nas religiões tradicionais, embora eminentemente criações humanas a adoração passa para um ser não humano. Assim o homem transcende a si, mas na nova religião o dinheiro passa a ser sagrado. Segundo Otto o sagrado é aquilo que dá sentido à vida das pessoas. Mas o que é afinal esse Sagrado, perguntará Otto? Que é e como é esse que foge de toda e qualquer racionalidade? E assim considera com um mistério tremendo:

Conceitualmente, mistério designa nada mais que o oculto, ou seja, o não evidente, não apreendido, não entendido, não cotidiano, nem familiar, sem designá-lo mais precisamente segundo seu atributo. Mas o sentido intencionado é algo positivo por excelência. Seu aspecto positivo é experimentado exclusivamente em sentimentos. E esses sentimentos podemos explicitá-los em formulações sugestivas [...] O atributo *tremendum* é, para começar, uma caracterização positiva do que estamos tratando. O termo latino tremor em si significa apenas medo ou temor – sentimento ‘natural’ bastante conhecido [...] Em algumas línguas existem expressões que designam exclusiva e preponderantemente esse temor, que é mais que temor. Por exemplo, *hqdsh* = santificar, em hebraico. Santificar algo em seu coração significa distinguilo por sentimento de receio peculiar, que não deve ser confundido com outros receios, significa valorizá-lo pela categoria do luminoso (OTTO, 2007, p.45)

Rubem Alves afirma que ao afirmar-se como religioso o homem define e si mesmo:

A religião é o ato pelo qual o ser humano se separa de si mesmo e no qual contempla a sua natureza latente. Deus é o símbolo para a resposta à pergunta: Quem sou? O que o ser humano declara acerca de Deus ele, na realidade, afirma acerca de si mesmo (ALVES, 2007, p. 62)

Desde o início da história a vida religiosa se divide em duas, uma nos cultos e outra na vida cotidiana, claro que uma influencia a outra, porém para o homem contemporâneo tudo que faz de material e de financeiro é sagrado. O “sagrado” existe, segundo Eliade (2001), em oposição ao profano. Ele se constitui na concepção de um mundo trans-humano, comumente de origem divina, que diz respeito à existência de uma transcendência que extrapola os quadros da realidade imediatamente visível e sensível. Porém o mundo produtivo da modernidade vai constituir-se no sagrado. Tudo em sua vida crê que será sagrada, sua família, seu trabalho, suas manifestações religiosas, suas palavras, sua moral, seu modo de se relacionar com os outros, em suma acredita que sua vida vai ser sagrada. Mas o que vai ser mais sagrado vai ser o dinheiro.

Pelo dinheiro vai se sacrificar, vai se morrer, vai se matar, vai se prostituir, vai se roubar, vai guerrear, vai criminalizar as propostas contrárias. Por exemplo, a repressão do estado moderno já tratou (ou ainda trata) hippies<sup>3</sup> e comunistas<sup>4</sup> como criminosos. Não há separação entre sagrado e profano. O profano é agora o sagrado. No entendimento de Agamben (2008), interpretando Arendt e Foucault, afirma que o homem passa ser um *anima Laborens* e que essa capacidade do homem é a única valorizada na sociedade da dominação e controle dos corpos. Todas as outras características do ser humano que Aristóteles caracterizava como animal diferenciado: as *Animas* aristotélicas como *animas polis*, *animas beatitudinem*, *animas quae cogitat* vão ser desvalorizadas, só resta o *sacer*.

Assim embora todos tenham direito a uma vida digna, o estado jurídico garante a sacralidade da vida. No entanto esta vida é sacrificável, visto que para manter o capitalismo de alguns países funcionando bem, sacrifica-se a vida e a dignidade de vários outros humanos moídos na máquina de destruição para gerar

---

<sup>3</sup> Que pregavam uma sociedade fora da estrutura de consumo.

<sup>4</sup> O comunismo/socialismo foi considerado ilegal nos EUA na época do Machartismo.

riqueza e tecnologia. Assim ao mesmo tempo a vida é sagrada e dispensável. Novamente o *homo sacer*.

Outra coisa que afetou-se significativamente na vida moderna foi a noção de tempo. Na mentalidade burguesa, dominante nos meios comunicacionais, vigora o adágio: tempo é dinheiro. Assim o tempo perde sua noção sagrada e passa a ser sacralizado pelo dinheiro, reduzido assim as finanças. Na era contemporânea o tempo é o tempo da produção e das máquinas. Assim o tempo não é mais sagrado. Neste sentido Benjamin:

Não, está claro que as ações da experiência estão em baixa, e isso numa geração que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história. Talvez isso não seja tão estranho como parece. Na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. Os livros de guerra que inundaram o mercado literário nos dez anos seguintes não continham experiências transmissíveis de boca em boca. Não, o fenômeno não é estranho. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano (BENJAMIN, 1996, p. 114-115.)

Nessa crítica ao progresso que produz morte Benjamin ao mesmo tempo critica a guerra, a tecnologia que a potencializa e que o significado de progresso seja a própria técnica. Neste sentido este suposto progresso para Benjamin é falho, pois só gera morte e vidas sacrificáveis a este progresso. A ideia de progresso tem a ver com melhora no tempo. Para Benjamin o caminho escolhido pela humanidade não leva a melhora. O futuro reserva a piora. Assim o progresso que rege a humanidade é uma relação temporal não sagrada. Agamben também diz que nos tempos atuais a relação do homem é uma relação com o tempo.

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela (AGAMBEN, 2009, p.59).

Novamente recorre-se a figura do xadrez: não percebemos onde jogamos. Só quem está de fora percebe melhor. Assim a humanidade está num caminho que mal percebe, ou que só se enxerga a vitória. A competitividade da vida contemporânea cega para o próximo.

Assim o homem está privado do próprio senso ou o arbítrio, não escolhe, ou melhor lhe é imposto o jeito de andar, de vestir, de amar e de consumir e ele assiste a tudo com o fastio da vida que sonha burguesa. Fatiados vemos pela televisão um mundo matrix, uma nova caverna do mito platônico que acreditamos ser verdade. Assim o homem não que procura repostas e não as encontra. Simplesmente ele não procura mais sentido para a vida. Assim ele é incapaz de perceber o mal que acomete. Ele procura o dinheiro. Nesse sentido ainda Agamben:

Isso significa que o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de 'citá-la' segundo uma necessidade que não provém do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder. É como se aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetasse a sua sombra sobre o passado, e este, tocado por esse fecho de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora (AGAMBEN, 1996. p.72).

Portanto vivemos um sistema que cega, embora se tenha informação. Tudo isso por um capitalismo da visão dominante burguesa. A visão burguesa é criticada por Benjamin. O burguês capitalista, segundo Benjamin, é aquele que busca a frivolidade, a felicidade, a segurança do que o capital pode comprar em sua propriedade privada, ali afirma o autor o burguês se sente no paraíso. Em suas memórias descreve a segurança do burguês em seu lar:

A miséria não tinha vez naqueles aposentos, nem mesmo a morte. Neles não havia lugar algum para morrer; por isso é que seus moradores morriam em sanatórios, mas a mobília, já na primeira linha de herdeiros, foi parar nas mãos de comerciantes. A morte não fora prevista para eles. Por isso, durante o dia, aqueles recintos pareciam tão aconchegantes e, à noite, tornavam-se o cenário de pesadelos (BENJAMIN 1987, p. 96).

O burguês se sente imune a morte e a miséria. A vida burguesa, como ato comercial se confunde com a vida privada e com o egoísmo que só a vida privada pode produzir. Não é a comunidade que interessa para a vida capitalista burguesa e

sim sua segurança acumulada pelo seu trabalho, é a vida da sua família, o coletivo e o trabalho não importa para o burguês, que vive através do lazer e frivolidade paradisíaca. Benjamin fala da origem de tal mentalidade:

Pela primeira vez, o espaço em que vive o homem privado se contrapõe ao local de trabalho. Organiza-se no interior da moradia. O escritório é o seu complemento. O homem privado, realista no escritório, quer que o *interieur* sustente as suas ilusões. Esta necessidade é tanto mais aguda quanto menos ele cogita estender os seus cálculos comerciais às suas reflexões sociais. Reprime ambas ao confirmar o seu pequeno mundo privado. Disso se originam as fantasmagorias do "interior", da interioridade. Para o homem privado, o interior da residência representa o universo (idem, p.37).

As ilusões a que o autor se refere na citação acima é a falta de percepção do mundo lá fora: da miséria, da fome, da exploração a qual ele sabe que existe, mas que seguro no interior de sua casa com sua mobília herdada não quer saber. Se pudermos levar para o mundo de hoje, a televisão e as comunicações lhe nutrem a ilusão, dentro de sua sala mostrando um mundo de sonhos, aventuras e fantasia onde se realiza. Benjamin não tratou exatamente da Televisão, sendo algo raro na sua época, porém prevê que as câmeras poderiam estar em todo lugar e isso introduzir a um malefício na capacidade de crítica do ser humano. Na sua crítica a reprodutibilidade da arte afirma que a câmera, espalhadas em todos os lugares leva a um estado de letargia mental.

Outro elemento destacado é capacidade das câmeras (cinematográficas e fotográficas) de nos levar a um inconsciente óptico. 'Aqui, a câmera intervém com os seus meios auxiliares, os seus 'mergulhos' e subidas, as suas interrupções e isolamentos, os seus alongamentos e acelerações, as suas ampliações e reduções. A câmera leva-nos ao inconsciente óptico, tal como a psicanálise ao inconsciente das pulsões (parênteses nossos), (BENJAMIN 1994, p.178).

Assim seguros nas suas casas, na sua mobília, no seu mundo construído de fantasia se sentem no seu paraíso construído, a custa do seu trabalho, com direito para desfrutar das benesses da proteção de Deus. A mitologia religiosa judaico cristã, dentre outras chamam sempre o paraíso de proteção de morada. Na mentalidade Judaica o Deus IEVE é escudo, fortaleza e broquel na Bíblia Sagrada (1995, Salmos 18), na bíblia cristã no apocalipse haverá no paraíso uma morada (1995, apocalipse 22), a mitologia nórdica, profundissimamente ligada ao imaginário

protestante, põe como paraíso do guerreiro o Valhalla, uma fortaleza onde há banquetes e lutas gloriosas, o conceito de fortaleza como paraíso está ligado em várias mitologias e religiões. Assim na sua casa, ou na máxima popular, a casa de um homem é seu castelo, o burguês se sente no paraíso.

O burguês não reconhece outro modo de vida nem as diferenças da humanidade. Apenas admira o American Way e o American Dream onde quer que esteja. Para o burguês não há crenças e outros valores que não seja o ganhar dinheiro. Acumular e aplicar, este é, grosso modo, o espírito capitalista proposto por Weber (2008) em sua mente utilitária qualquer outra ideia fica desprovida de sentido. Assim afirma Agamben:

[...] pequena burguesia planetária, na qual as velhas classes se dissolveram: a pequena burguesia herdou o mundo; ela é a forma na qual a humanidade sobreviveu ao niilismo [...] uma pequena burguesia nacional, ainda presa a uma postiça identidade popular, sobre a qual agiam sonhos de grandeza burguesa. A pequena burguesia planetária, ao contrário, se emancipou desses sonhos e fez sua a atitude do proletário de declinar qualquer identidade social reconhecível. O pequeno burguês nadifica tudo o que é no próprio gesto com que parece aderir a isso: ele só conhece o impróprio e o inautêntico e recusa até mesmo a ideia de uma palavra própria. As diferenças de língua, de dialeto, a própria particularidade física de cada um, que constituíam a verdade e a mentira dos povos e das gerações que se sucederam na terra, tudo isso perdeu para ele qualquer significado e qualquer capacidade de expressão e de comunicação (AGAMBEN, 2013. p.59-60)

Note-se a uma casa na mentalidade burguesa é um direito para poucos. Apenas quem supostamente conquistou tem direito à moradia. A propriedade privada é tida como um direito divino e sagrado desde as revoluções burguesas. Esse é o direito mais sagrado para o burguês, mais do que a dignidade humana, mais do que a prometida igualdade e imaginária fraternidade.

A mentalidade burguesa na sua falsa segurança além de dinheiro quer fama. Fama e fortuna, reconhecimento pelo seu trabalho, ou pelo seu dinheiro ou pela ilusão que se vende esse é o atual espírito do capitalismo. A imagem antes vendida pelo cinema, agora universalizada pela televisão é o que Benjamin criticava através do crítico de arte Georges Duhamel, “que detesta o cinema e nada sabe do seu significado, mas percebe algo das suas estruturas” (1994, p.181). Estruturas essas que Benjamin aceita serem perversas e vendedoras de uma ilusão, salvo raras exceções na sua produção. Relembrando o crítico francês Duhamel: “em sua

opinião (a Duhamel) o cinema é “um passatempo para a ralé, uma diversão para criaturas iletradas, miseráveis, gastas pelo trabalho e consumidas pelas preocupações...um espetáculo que não exige concentração nem pressupõe qualquer capacidade de esperança a não ser a esperança ridícula de vir a ser estrela em Los Angeles” (BENJAMIN 1994, p.179).

Assim há um constante espraiamento da ilusão e do amortecimento intelectual para Benjamin. Este amortecimento é a síntese do pensamento burguês que hoje que esse pode ser multiplicado pela mídia. Todos pensam que podem viver uma vida mostrada pelos meios de comunicação e o burguês capitalista quer viver exatamente essa sua forma de paraíso. Assim afirma Agamben:

Mas a insensatez da existência individual, que ela herdou dos subsolos do niilismo, se tornou, nesse ínterim, tão insensata que perdeu todo páthos e se transformou, ao se mostrar abertamente, em exibição quotidiana: nada se assemelha tanto a vida da nova humanidade quanto um filme publicitário do qual se apagou qualquer traço do produto anunciado. A contradição do pequeno burguês, porém, é que ele ainda procura nesse filme o produto do qual foi privado fraudulentamente, obstinando-se apesar de tudo, a tornar própria uma identidade que se lhe tornou na realidade, absolutamente imprópria e insignificante. Vergonha e arrogância, conformismo ou marginalidade permanecem assim os extremos polares de toda a sua tonalidade emotiva. O fato é que a insensatez de sua existência se depara com uma última insensatez, sob a qual naufraga toda publicidade: a morte. Nesta, o pequeno burguês se confronta com a última expropriação, com a última frustração da individualidade: a vida nua, o puro incomunicável, onde a sua vergonha encontra finalmente a paz. Desse modo, ele encobre, com a morte, o segredo que deve, no entanto, se resignar a confessar: que também a vida nua lhe é, na verdade, imprópria e puramente exterior; que não há para ele, sobre a terra, nenhum abrigo (AGAMBEN, 2013. p.61)

Assim o paraíso para o burguês é parecer diferente pouco seguro em suas roupas da moda e distinção social. Ter as roupas, carros e viagens da moda. Para Agamben (2002), ser distinto e diferente é uma indicação da sociedade contemporânea que renega aquilo que prega a igualdade e tradição. Quer aquilo que é novo, sobretudo apresentado pela mídia. A novidade significa distinção e individualidade. Algo que não é mais um caminho sagrado. O homem burguês, espelho e desejo de todos os outros é incapaz de auto- conhecimento sagrado. Só reconhece-se na distinção da última moda. Desesperado, sem saber que está desesperado recorre ora a seitas das modas ora a medicamentos caros para tentar desesperadamente entender-se enquanto humano e não consegue.



Ocorre que o burguês é o herói mitológico da contemporaneidade. É o exemplo mitificado do *self-made-man*. Literalmente a linguagem que se usa é o que venceu na vida. Ou seja, compara-se como se fosse uma batalha mitológica que venceu o monstro horroroso de uma pobreza. Assim com a mídia, todos espelham ser burgueses. A mentalidade burguesa que trouxe a filosofia que é tida como salvadora dos direitos liberais. Assim o burguês é valorizado e aclamado. Hoje se procura a figura do gestor burguês inclusive para a política como mito salvador (MILLER; LAPHAM, 2012). É a figura que acham que vai salvar, mas não vai.

## A POLÍTICA E O COMERCIO

Na tentativa de se manter no poder, a burguesia teve a ideia da revolução francesa. Usando o discurso que a liberdade era para todos, dotou a todo povo de uma ideia quase religiosa de igualdade. A ideia só estava no discurso desde o início. Logo os *Sans-cullotes* foram excluídos das promessas da revolução francesa. Tal revolução foi o germe do estado moderno que é o estado-providencia cuja única finalidade é proteger os interesses burgueses e criar um sistema ilusionário de direitos que não deixa o pobre fazer revolução.

Outro sentido do estado providencia ou estado liberal é garantir o comercio internacional através da balança comercial favorável e as operações comerciais. Para garantir a ilusão cria-se a chamada social democracia, assim criticada por Benjamin:

A teoria e, mais ainda, a prática da social-democracia foram determinadas por um conceito dogmático de progresso sem qualquer vínculo com a realidade. Segundo os social-democratas, o progresso era, em primeiro lugar, um progresso da humanidade em si, e não das suas capacidades e conhecimentos. Em segundo lugar, era um processo sem limites, ideia correspondente à da perfectibilidade infinita do gênero humano. Em terceiro lugar, era um processo essencialmente automático, percorrendo, irresistível, uma trajetória em flecha ou em espiral. Cada um desses atributos é controvertido e poderia ser criticado. Mas, para ser rigorosa, a crítica precisa ir além deles e concentrar-se no que lhe é comum. A ideia de um progresso da humanidade na história é inseparável da ideia de sua marcha no interior de um tempo homogêneo. A crítica da ideia do progresso tem como pressuposto a crítica da ideia dessa marcha. (BENJAMIN, 1996. p.229)

Assim o estado social democrata garante o progresso. A habilidade e a facilidade com que o homem cria técnicas sempre novas e mais perfeitas provocou nas gerações recentes uma confiança sem limites no progresso humano, nas possibilidades de levá-lo à frente até a realização do paraíso na terra e à feliz solução de todos os problemas e mistérios do homem. Mas é realmente verdade que as ciências e a técnica têm o poder de resolver todos os problemas e enigmas humanos?

Depois dos primeiros fáceis e compreensíveis entusiasmos com os enormes êxitos conseguidos, não somente entre as e mentes mais agudas e aperfeiçoadas (filósofos), mas em todos os ambientes, especialmente nos da juventude, estão se levantando, agora, críticas severas a respeito tanto da ciência como da técnica que tem sempre uma relação com a política liberal de providência.

Scheler foi um dos primeiros a lançar uma denúncia vigorosa contra o ídolo da técnica; ela levou a uma subversão total dos valores; os valores de espírito não contam mais nada; a única preocupação que conta diz respeito apenas ao bem-estar, aos divertimentos, aos prazeres. Incapaz de viver os autênticos valores do espírito, o homem, que se deixou seduzir pelo ídolo da técnica, por fenômeno de ressentimento, os despreza e procura a afirmação de si mesmo na vontade de dominação do mundo, não mais visto como um meio para a realização dos valores mais altos, mas como fim em si mesmo: donde a civilização da técnica, o industrialismo e o capitalismo.

Efetivamente a técnica colocou à disposição do homem muitíssimos meios de transporte, de comunicação, de aprovisionamento, de divertimento; multiplicou as suas exigências e as maneiras de satisfazê-las, mas não contribuiu em nada para melhorá-lo interiormente. Assim, as relações entre os homens, que a técnica contribuiu para multiplicar e intensificar, não são, de fato, melhoradas. Ao contrário, hoje, mais do que nunca, o homem é o lobo do homem: as suas relações com os outros são de inveja, de exploração, de profundo egoísmo e desgaste ambiental. etc. assim a política que garante a criação das técnicas só serve para o lucro. Mas a ilusão é que todos têm acesso a ela. Daí a necessidade de um estado-providencia: garantir a ilusão religiosa de que todos são iguais. Nesse sentido Agamben:

Por isto, a Providência não opera de modo violento ou miraculoso, mas, tal como nos governos democráticos, ela precisa do livre-arbítrio dos indivíduos. O que define a ação providencial é que, na verdade, ela não se impõe do exterior, mas funciona deixando agir a natureza mesma das criaturas que, desta forma, continuam responsáveis pelos seus pecados. A Providência é, neste sentido, um paradigma da democracia moderna e não é surpreendente que ela tenha influenciado profundamente um pensador como Rousseau. O Estado moderno, no que ele tem de melhor quanto de pior, provém deste Estado-Providência (AGAMBEN, 2005. p. 02)

O socialismo surge como uma alternativa teoricamente excelente, mas que historicamente se mostra como incapaz de resolver tais mazelas uma vez que só muda o foco da propriedade ao invés de propriedade individual se fala em propriedade socialista. Além disso há um grande problema a redução de toda a história e condição humana a luta de classes. Tal concepção marxista é impossível de compreender toda a riqueza da experiência humana.

A globalização vem com um discurso de igualdade entre as nações mas não passa de uma ilusão para mais exclusão e fome (SANTOS, 2008). Essa fase do capitalismo decorre da decisão das potências emergentes do pós-guerra fria de impor ao mundo uma força motriz comercial capitalista que possa dar mais poder as empresas transnacionais. Com essa prática se da estratégia ao mercado sem controle ou responsabilidade por seus atos.

O mercado disfarça sua finalidade (o lucro) em respeito a certos direitos humanos, porem alcançar a plenitude desses direitos se tornam impossível visto a finalidade do mercado não ser alcançar esses direitos (meio ambiente ecologicamente equilibrado, justiça, saúde, educação pleno emprego etc..) e sim o lucro. Desse modo a finalidade do homem (e não só da empresa) também passar a ser o lucro, impossível não lembrar do epíteto de Hobbes, como nessa lógica pessoal vai surgir o homem: a resposta é apenas como lobo do homem, como concorrente de seu semelhante.

A liberdade humana nessa relação fica ilusória e prejudicada uma vez que o homem só tem liberdade para consumir. Hinkelammert, (2005. p.122) diz da liberdade de escolher entre uma sociedade de plena convivência e uma sociedade Hobbesiana, mas não há como agir sobre tais suposta liberdades frente a força poderosa do capital. O próprio autor diz que a democracia está a serviço do capital (idem, p.132). Não se existe liberdade para se escolher entre igualdade e

fraternidade pois isso implicaria em abrir mão da propriedade privada e do lucro o que aparentemente ninguém quer escolher.

Com o triunfo da técnica. Garantido pelo estado providencia onde o home cria providencia para si, o homem tornou-se providência para si mesmo, e para isso, para acabar com a fome, as doenças, as inundações, as epidemias, agora não recorre a Deus, como faziam seus antepassados, mas à medicina, à engenharia, à indústria, etc. Assim o estado que garante a burguesia e a produção para o lucro toma o lugar de Deus.

## O CAPITALISMO ENQUANTO RELIGIÃO

Segundo Benjamin, o capitalismo não representa apenas, como acontece em Weber, uma secularização da fé protestante, mas é ele próprio em fenômeno religioso, que se desenvolve de modo parasitário a partir do cristianismo. Como tal, como religião da modernidade, ele é definido por três características:

1.- É uma religião de culto.

Há um culto ao dinheiro, o objeto de desejo e de adoração não é algo transcendente mas sim, o vil metal, o Deus se torna dinheiro (AGAMBEN, 2004), digno de todo sacrificio e adoração. Como analisa Benjamin, o capitalismo é uma religião na qual o culto se emancipou de um objeto de adoração e passou a ser o seu próprio ato de consumir e não há culpa, tabus, nem pecados ao contrário das religiões, e, portanto, não há redenção há só felicidade prometida (mas raramente alcançada). Então, do ponto de vista da fé, o capitalismo não tem nenhum objeto: acredita no puro crédito no dinheiro a ser alcançado por um lucro que virá.

2.- Este culto é permanente, é “a celebração de um culto *sans trêve et sans merci*. Fica impossível diferenciar o que é lazer/descanso labor. Na sociedade atual, as interações passam a se estruturar a partir da seara econômica, de modo que, atualmente, lazer e diversão estão submissos ao consumo. Assim as festividades que antes eram religiosas hoje outros trabalham para nos divertir. Não se vai mais com a família e amigos ao uma praça ou campo, mas prefere-se o shopping. Assim o trabalho que produz riqueza coincide com a celebração do culto. Sobre isso:

[...] Sobre o que é o lazer, é comum ainda encontrarmos respostas que o associam à participação e ao desenvolvimento, dentre outras possibilidades que evidenciam seu potencial formativo, mas o fato é que tendencial e predominantemente o que ele constitui mesmo é uma mercadoria cada vez mais esvaziada de qualquer conteúdo verdadeiramente educativo, objeto, coisa, produto ou serviço em sintonia com a lógica hegemônica de desenvolvimento econômico, emprestando aparências e sensações que, involucralmente, incitam o frenesi consumista que embala o capitalismo avançado. [...] o que estamos querendo dizer é que num movimento como nunca antes se viu o lazer sucumbe de modo direto e irrestrito à venalidade universal. A mercadoria não é apenas uma exceção no mundo do lazer como antes, mas sim a regra quase geral que domina a cena histórica atua (MASCARENHAS, 2005, p. 141)

3.- O culto capitalista não está destinado a trazer redenção ou a expiação de uma culpa, mas destinado à própria culpa. No capitalismo não há perdão de vividas há garantias de dividas, que se tornam novos lucros. No capitalismo não se pode pagar com sangue do Cordeiro suas dívidas. Também é pouco provável que uma divindade vá pagar as dívidas creditícias, disso só decorre a descrença na força de Deus e a crença na força do capital. A culpabilização da religião Cristã se dá pelo assassinato de Cristo no Calvário, não há culpa no capitalismo apesar de várias vítimas que ele gera por ser uma religião sem responsável pela sua culpa e sem Deus a quem culpar. A religião tem a função de ser o fundamento da cosmovisão que legitima a ordem social vigente, assim o capitalismo como religião legitima a ordem do lucro.

O mercado, a tudo toma conta e passa a ser o regulador das relações sociais, mais do que isso, passa a ser o centro das sociedades, se infiltrando no dia-a-dia das pessoas. A referência passa a ser mercado e recursos, mercado de trabalho, de capitais, de alimentos, da droga, mercado matrimonial, religioso e de bens simbólicos, não há expressão mais assustadora, por exemplo, do que recursos humanos: ou seja, para a produção de bens e serviços o ser humano é reduzido a um recurso, um bem substituível a qualquer momento. Outra expressão odiosa é “regime de bens” num casamento, o casamento algo espiritual, de uma relação sagrada e de amor entre duas pessoas, é reduzido a uma garantia contratual.

A obra de E. Durkheim (2000.p.261) já afirma que: “não há religião sem comunidade (igreja)”. O mercado como religião marca a nova comunidade que é a sociedade moderna. As pessoas se reconhecem e se valorizam pelo poder de compra que tem. Uma pessoa de bem é aquele que tem poder de consumo.

A religião do mercado tem os seus comportamentos e dogmas. Como exemplo:

- O mercado é causa de desigualdades; assim é um produtor de vítimas, que ou são exploradas ou são vítimas da violência causada pela comunicação que leva desejos aos que não podem e por isso roubam violentamente multiplicando as vítimas. O mercado dentro da ordem capitalista mundial gera concentração de riquezas nas mãos de poucos países e de poucos magnatas e desestruturação social e miséria para a maior parte da humanidade.
- Não é mais a fé que move céus e terra é outra coisa que tem atribuída tal força. O lema fundamental é: “o dinheiro tudo pode, move o céu e a terra”.
- A propaganda tem a função de uma felicidade salvífica. Se você não pode ter a mercadoria X você não é feliz. Se você não tem mercadoria e não pode ser bem-sucedido portanto é um excluído e não é uma pessoa de bem.
- As mercadorias são representantes de desejos mais profundos da alma.
- A propaganda é uma autêntica catequese, um ensinamento do que deve ou não ter para ser feliz.
- O culto dominical são os programas televisivos.
- A grande festa anual é o natal. Não para comemorar o nascimento do Salvador, mas uma festa de consumo e presentes a quais as crianças são educadas desde cedo.
- Os templos são as lojas.
- A peregrinação são as novas viagens; os grandes shoppings e cidades do consumo, e turismo, Disney World, Miami, Paris etc.
- Os sacerdotes são os que conhecem as regras do jogo, advogados, que garantem a propriedade privada e seu pagamento, economistas e banqueiros.
- As vestes rituais para participar da sociedade são as roupas de marca caríssimas tal como Ermenildo Zegna, Nike, Lacoste etc....quando se está vestido assim o ser se torna bem-querido na sociedade. Quando não veste, é um excluído dela.

–A ética principal é o interesse pessoal, egoísta, competitivo com sede de crescimento financeiro patológico.

Assim, se constrói e produz a religião da espiritualidade do mercado.

Tal religião promete felicidade a todos os que a consomem. Essa promessa falha fragorosamente uma vez que poucos tem o poder de ter tudo o que se apresenta para consumo. As mercadorias tem status divinos e de bênçãos. A elas se adjudicam características salvíficas. É no contanto com o novo sagrado que surge uma nova ética de ser a da competição e concorrência no mercado, seu semelhante passa a ser visto como concorrente. A mística que move as pessoas no capitalismo é ganhar dinheiro para ganhar mais dinheiro; comprar mais, comprar mais para consumir mais e mais. É no poder de consumo, que se mede o caráter de uma pessoa segundo essa lógica. O ser humano é medido em Ter e não em Ser.

Numa sociedade assim, a pessoa tem a sua dignidade reconhecida nas relações mercantis, no mercado. Os pobres são marginalizados exatamente pela sua impossibilidade de acesso ao mercado. Esses milhares que são a maioria do mundo são invisíveis e reduzidos a mero problemas políticos, seres humanos incapacitados de participar de acesso aos bens que eles mesmos produzem em um total estado de alienação, alienação do produto de seu trabalho, alienação causada pelo sistema de propaganda. Na tentativa desesperada de sobreviver e de seus filhos perde-se o amor ao próximo.

Por que essa profunda tensão no ser do homem? E mais quais os resultados dessa busca por um novo deus? Pode -se dizer que um resultado bem imediato é a subjugação da natureza e do próximo como próximo, este é o novo valor religioso: não o amor ao próximo, não o cuide da terra, mas a subjugação da terra e do próximo. Infelizmente o homem cai cada vez num buraco maior, cai, cai, cai, cai, e ainda não e o fim.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. A política da profanação. **Entrevista concedida a Vlademir Safatle** In: Folha de São Paulo em 18 set. 2005. Disponível em: <<http://cristianccss.wordpress.com/2008/05/20/entrevista-agamben-para-a-folha>>. Acesso em: 09 set. 2009.

\_\_\_\_\_. **Estado de Exceção**. Trad. Iraci D. Poletti. São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Homo sacer I**. O poder soberano e a vida nua. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2002.

\_\_\_\_\_. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

\_\_\_\_\_. **O que é o Contemporâneo?** In: O que é o Contemporâneo? E outros ensaios; Ed. Argos, 2009 [tradutor Vinícius Nicastro Honesko].

\_\_\_\_\_. **Profanações**. Trad. Selvino Assman. São Paulo: Boitempo, 2007.

\_\_\_\_\_. Sem classes. In: **A comunidade que vem** [1990]. Tradução e notas Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. 6.ed. Campinas: Papyrus, 2007.

BAUDELAIRE, Charles. **Oeuvres Complètes**. Correspondance générale, Tome Premier 1833-1856. Paris: Éditions Louis Conard, 1947.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaios sobre literatura e história da cultura – Obras Escolhidas I. 5.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. **“Infância berlinense por volta de 1900”**. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa, em: Obras escolhidas, v. II. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **Paris, capital do século XIX**. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa, em: Obras escolhidas, v. I. São Paulo: Brasiliense, 1991.

\_\_\_\_\_. Crítica da Violência – crítica do poder, In: **Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos**. Seleção e apresentação de Willi Bolle, trad. de Celeste H. M. Ribeiro de Souza et al., São Paulo, Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1991b.

\_\_\_\_\_. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: \_\_\_\_\_. **Magia e Técnica**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 165 – 196.



\_\_\_\_\_. **Sobre o conceito da história.** In: Obras Escolhidas I: magia e técnica, arte e política. 10. ed. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense. 1996

\_\_\_\_\_. “As Afinidades Eletivas de Goethe”. **As afinidades electivas de Goethe**, **Walter Benjamin**, Ensaios Reunidos: Escritos sobre Goethe, Rio de Janeiro 2011, p. 11-15.

\_\_\_\_\_. **Escritos Sobre Mito e Linguagem.** São Paulo: Editora 34/ Duas Cidades, 2011; Letícia Olano Morgantti Botelho 122 Pólemos, Brasília, vol. 1, n. 1, maio 2012.

\_\_\_\_\_. **O capitalismo como religião.** São Paulo: Boitempo editorial, 2013.

BENJAMIN, W. **Destino e caráter** in: O capitalismo como religião. São Paulo: Boitempo editorial, 2013b;

CAMPBELL, J. **Mitos, sonhos e religião.** Trad. Ângela Lobo de Andrade e Bali Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa.** São Paulo: Paulinas, 2000.

FÉLIX, Luciene. Darwin, Nietzsche e Freud – Deus está morto? **Revista Brasileira de Direito Constitucional**, n. 17, f. 1, 05 ag. 2008. Disponível em <[http://www.esdc.com.br/CSF/artigo\\_2008\\_08\\_darwin.htm](http://www.esdc.com.br/CSF/artigo_2008_08_darwin.htm)> Acesso em: 26 mar. 2017.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** 9.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10. ed. Rio de Janeiro: Dp&a, memória americana; São Paulo: Annablume, 2003.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço.** São Paulo: Annablume, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche:** volume II. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial:** o homem unidimensional. (Tradução de Giasone Rebuá). 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

MASCARENHAS, F. **Entre o ócio e o negócio:** teses acerca da anatomia do lazer. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: 2005

MILLER, Brian; LAPHAM, Mike. **The self-made myth and the truth about how government helps individuals and businesses succeed.** San Francisco-CA: Berrett-Koehler publisher, 2012.

MORIN, E. **O problema epistemológico de complexidade**. Lisboa: Europa-América, 1990.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007

RORTY, R. **A filosofia e o espelho da natureza**. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

SALVÀ Peppe. Giorgio Agamben, entrevista a Peppe Savà: Amo Scicli e Guccione. In: **RAGUSA NEWS**, Notizie della provincia di Ragusa e di Sicilia, n. 1312. p.38. 16 ago. 2012. Disponível em: <[http://www.sciclinews.com/documenti/1345076663\\_agamben\\_intervista.pdf](http://www.sciclinews.com/documenti/1345076663_agamben_intervista.pdf)>. Acesso em: 02 jul. 2017

USHER, Robin; EDWARDS, Richard. **Postmodernism and education**: different voices. Different Worlds Routledge, New York, NY, 1994.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalism**. Martin Claret, 2008

WESTHELE, Vítor. Teologia e Pós-modernidade. In: MARASCHIN, Jaci (Org.). **Teologia sob limite**. São Paulo, ASTE, 1992, p. 143-166.

**Artigo recebido em: 06/07/2017**

**Artigo aprovado em: 21/11/2017**

**Artigo publicado em: 18/07/2018**